



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ISABEL CRISTINA GOMES DE MORAIS CABRAL

**CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DO DESENHO
ANIMADO “CHICO BENTO: NA ROÇA É DIFERENTE” PARA A
COMPREENSÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO NA DISCIPLINA
DE GEOGRAFIA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DO DESENHO ANIMADO “CHICO BENTO: NA ROÇA É DIFERENTE” PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Rosemary Alves de Melo

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C117C Cabral, Isabel Cristina Gomes de Morais.
Cinema e educação [manuscrito] : uma experiência do
desenho animado / Isabel Cristina Gomes de Morais Cabral. -
2014. .
45 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Rosemary Alves de Melo,
Departamento de Pedagogia".

1. Educação. 2. Cinema. 3. Prática pedagógica. I. Título.
21. ed. CDD 370

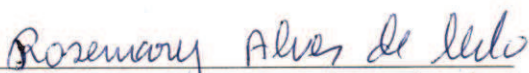
ISABEL CRISTINA GOMES DE MORAIS CABRAL

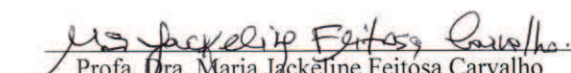
CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DO DESENHO ANIMADO “CHICO BENTO: NA ROÇA É DIFERENTE” PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 10/12/2014

BANCA EXAMINADORA


Profª. Ms. Rosemary Alves de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Dra. Elizabete Carlos do Vale
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus... À minha família, pela dedicação,
companheirismo, paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Ms. Rosemary Alves de Melo pelas indicações de leituras, paciência e orientação ao longo desse ano. O(a)s professore(a)s que marcaram a minha vida acadêmica, em especial Elizabete do Vale, Jackeline Feitosa e Teresa Cristina, deixo aqui registrada a minha gratidão a cada uma de vocês que contribuíram com a minha formação.

À minha família, ao meu esposo Marleon, minha filha Maisa e meu filho Iago, pelo incentivo, carinho, compreensão, paciência e muito amor.

À minha mãe, Maria Gomes, que mesmo distante sempre me incentivou a continuar nessa jornada e que não mediu esforços para ficar comigo durante a recuperação de um acidente que sofri ainda no sexto período. À minha irmã Paula, pela força nos momentos mais difíceis que passei ao longo desse curso.

A(o)s colegas de curso, por todos os momentos que passamos juntos, fomos uma turma marcada pelo compromisso e dedicação; foram quatro anos de amizade, apoio, companheirismo e superação. Em especial Fabiana Barbosa, Luziana Lacerda, Flaviano Cirino, Giselle Camelo e Isabela Ferreira agradeço pela força necessária para prosseguir durante o percurso do curso.

“Gosto de pensar na experimentação como na vela de um barco. Nunca se pode estar certo dos ventos, mas com mão segura pode-se manobrar as velas, pode-se ir aonde quiser, sem isso, não é possível nem mesmo deixar o porto”.

Orson Welles

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a relação entre cinema e educação, analisando o desenho animado “Chico Bento: Na roça é diferente” para a compreensão do espaço rural e urbano na disciplina de Geografia. Essa experiência foi vivenciada por 28 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual da cidade de Campina Grande-PB. A metodologia adotada envolveu a pesquisa qualitativa, a observação participante, o recurso de entrevistas, exibição do desenho animado e atividade complementar. Adotamos como referencial bibliográfico, estudos teóricos de Napolitano (2003), Cintelli (2004) e Silva (2004) que acrescentaram com suas análises à contextualização que envolve a temática o cinema na sala de aula. Os resultados demonstraram que a utilização do desenho animado “Chico Bento: Na roça é Diferente” foram relevantes para o processo de aprendizagem; porém em relação ao conteúdo espaço rural/urbano é necessário que o diálogo e as atividades estimulem a reflexão, fazendo relação com os referidos espaços na atualidade. Dessa forma, quando o desenho animado em sala de aula é trabalhado adequadamente favorece a descoberta de novos conhecimentos.

Palavras-Chave: Educação. Cinema. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This research aims at producing a reflection on the relation between cinema and education by means of the analysis of a cartoon entitled “*Chico Bento: Na roça é diferente*” in order to comprehend the rural, urban space in the academic discipline Geography. This experience took place in a Secondary School classroom with 28 students of the 4th grade of a State School in Campina Grande – PB. As methodological procedures, we utilized the qualitative research, the participant observation, the use of interviews, the display of the cartoon, and a complementary activity. As theoretical background, we considered assertions by theorists like Napolitano (2003), Cintelli (2004), and Silva (2004) who contribute with their analyses to the contextualization which deals with the topic of the use of cinema in the classroom. As results of this research, it was verified that the use of the cartoon “*Chico Bento: Na roça é diferente*” was relevant for the learning process. However, in relation to the content about rural/urban space, it is necessary for the dialog and the activities to promote reflection among students, linking to the mentioned spaces nowadays. Thus, when the cartoon is properly employed in the classroom, it can contribute to the building of new guidelines.

Key-words: Education. Cinema. Educational Practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cinema do SESC Centro de Campina Grande	28
Figura 2 - “Chico Bento na roça é diferente”	32
Figura 3 - Registro do momento em que os alunos assistiam à Sessão do desenho “Chico Bento: Na roça é diferente”	34
Figura 4 - Imagem do espaço rural e urbano	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CINEMA E INFÂNCIA.....	14
2.1	O surgimento do cinema.....	14
2.2	A infância, seu tempo, seu espaço.....	16
3	O FILME NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	19
3.1	A intervenção do professor.....	20
3.2	A participação da criança.....	24
4	AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO ANIMADO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	26
4.1	Sujeitos participantes da pesquisa.....	26
4.2	Procedimentos metodológicos.....	26
4.3	Os instrumentos da pesquisa.....	26
4.4	Resultados e análises dos dados da entrevista.....	27
4.4.1	<i>Entrevista com os alunos</i>	27
4.5	Análise do desenho “Chico Bento: Na roça é diferente”.....	31
4.5.1	<i>O enredo</i>	31
4.5.2	<i>“Chico Bento: Na roça é diferente” sob a visão das crianças</i>	33
5	CONSIDERAÇÕES.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNOS).....	42
	ANEXO I – FICHA TÉCNICA.....	43
	ANEXO II – ATIVIDADE.....	44

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a relação entre cinema e educação, analisando o desenho animado “Chico Bento: na roça é diferente” para compreensão do espaço rural e urbano na disciplina de geografia. Investigamos também, como sujeitos envolvidos na pesquisa se relacionam com o uso do desenho animado como forma de aprendizagem, bem como, se o desenho animado e a atividade proposta pela professora da turma favoreceu a compreensão dos referidos espaços. Essa experiência foi desenvolvida durante uma ação didático-pedagógica desde março de 2014 numa Escola Estadual de Campina Grande/PB, como aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. A referida instituição atende uma demanda estudantil com a faixa etária compreendendo crianças a partir de seis anos, tendo um corpo docente com formação nas diferentes áreas de ensino. A escola é composta por funcionários efetivos, pró-tempore e prestadores de serviços.

Esse interesse decorre da participação em três cursos de Extensão oferecidos pela Universidade Estadual da Paraíba, os quais tiveram por enfoque: o uso didático-pedagógico de desenhos animados e filmes infantis na educação básica, a metodologia da pesquisa com filmes e desenhos animados e, por último, cinema e o ensino da história na educação básica. Inicialmente, percebi a ideia de se trabalhar com filmes em sala de aula, como algo desafiador, relevante, que possibilitasse o alargamento didático-metodológico no processo de ensino/aprendizagem. Apesar de todos os temas estarem ligados ao cinema, haviam sugestões diferenciadas de se trabalhar na sala de aula. Pouco a pouco, fui sendo contagiada com a diversidade de abordagens que podemos trabalhar com filmes e desenhos animados, e como os mesmos contribuem para ampliar a prática pedagógica. Sem contar que, a construção do conhecimento pode ser ricamente internalizada através dessas novas metodologias, facilitando assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Durante participação nos cursos citados acima, conseguiu-se alcançar uma evidente problemática em relação a não utilização de filme na sala de aula como forma de ensinar. Seria a falta de formação nesse sentido ou a pouca importância dada ao cinema, como uma ferramenta no dia-a-dia da práxis do professor? A partir dessa ideia, comecei uma leitura mais aprofundada das temáticas relacionados com o cinema, e também à observar durante os estágios como era trabalhado o desenho animado na sala de aula. Mas, foi no quinto semestre,

quando a professora da disciplina de pesquisa em educação, propôs a realização de um pré-projeto, que resolvi fazer a minha pesquisa sobre a relação cinema e educação.

Não podemos negar que o cinema vem se destacando ao longo dos últimos anos no espaço educacional. Filmes e desenhos animados trazem abordagens diversas que podem ser trabalhadas na sala de aula de maneira sistemática, atrativa, sem contar que ajudam no desenvolvimento cognitivo e sócio-educacional. Assim, é interessante reconhecermos que as crianças não são homogêneas, isto é, nem todas tem a mesma facilidade de aprender determinado conteúdo. Cabe ao professor ser o elo entre o ensino e a aprendizagem. Apesar de filmes e desenhos animados serem pouco utilizados na sala de aula, é inegável sua contribuição no desenvolvimento educacional da criança. Tal fato ocorre, seja por falta de capacitação do professor ou até mesmo por falta de uma estrutura adequada da própria escola. Assim sendo, as mudanças necessárias não partem apenas do desejo do professor em si qualificar (isto é importantíssimo), mas também, no que compete em termos de inovação ao coletivo da escola.

A proposta da pesquisa que enfatiza as contribuições do desenho animado para a prática pedagógica, não tem a intenção de substituir o livro didático, mas sim, fazer uso das novas tecnologias que dispomos e muitas vezes não introduzimos na nossa rotina de aulas por estarmos atrelados ao ensino tradicional. Acreditamos que mudar não é fácil, o novo é desafiador e muitas vezes acabamos recuando. Trabalhar com o desenho animado na escola é inserir um novo método de aprender. Nesse sentido, reconhecemos que é necessário um envolvimento de todos, pois, não podemos apenas generalizar e culpar o professor por não ter qualificação adequada para uso e manuseio do filme na sala de aula. Quando a escola entender que, toda uma estrutura educacional precisa evoluir junto com as novas tecnologias, torna-se possível oferecer uma educação que não se resume, apenas, ao livro didático.

O uso de imagens tem grande importância no processo de aquisição de conhecimento, através da intervenção do professor, do diálogo, dos questionamentos e da interação com a turma, que as crianças vão construindo seus posicionamentos e suas reflexões. Entendemos que, o trabalho com o desenho animado é importante na sala de aula, visto que, nela existe toda uma heterogeneidade de aprendizado, considerando isso, as crianças não devem ser tratadas a partir de um modelo igual em relação à aquisição de conhecimentos, devendo ser levando em conta suas individualidades e limitações. É de responsabilidade do professor que o aluno avance, porém, que seja de forma qualitativa. O cinema proporciona a criança o contato com diversas áreas do conhecimento, com destaque para a literatura, língua portuguesa, matemática, ciências, artes, geografia e história.

No decorrer dessa experiência desenvolvida como bolsista do PIBID, tivemos a oportunidade de vivenciar experiências envolvendo o trabalho com filmes e desenhos animados na sala de aula. Realizamos uma com 28 (vinte e oito) alunos, objetivando detectar opiniões acerca de possíveis formas (ou maneiras) de se aprender através do uso de filmes e desenhos animados.

Esse trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro capítulo intitulado Cinema e Infância, traçaremos uma breve trajetória do cinema desde seu surgimento até os dias atuais, percorrendo um pouco pela história do cinema nacional. Ainda no primeiro capítulo, destacaremos também – e em síntese – o lugar da infância, seu percurso historiográfico e a relação de identificação criança/desenho animado.

No segundo capítulo, abordaremos o filme na prática pedagógica, destacando sua aplicabilidade, a intervenção do professor e também a participação da criança nesse processo.

Já no terceiro capítulo, iremos discutir sobre o espaço que é destinado a utilização de filmes na escola, analisando a entrevista feita com 28 alunos do 4º ano de uma Escola Estadual de Campina Grande/PB, como também a inserção do desenho animado: “Chico Bento: na roça é diferente”, para a compreensão do espaço rural e urbano da disciplina de geografia e a aplicabilidade de uma atividade complementar trabalhada pela professora em sala de aula.

2. CINEMA E INFÂNCIA

2.1 O surgimento do cinema

As primeiras aparições públicas de filmes ocorreram no final do século XIX, mas precisamente no ano de 1893, segundo Costa, “(...) Thomas A. Edson registrou nos EUA a patente do seu quinetoscópio (...)” (COSTA, 2006, p. 18). Porém, Thomas não ficou tão conhecido mundialmente como os irmãos Lumière (negociantes franceses) que mostraram em 1895 um curta-metragem com imagens cinematográficas do cotidiano da cidade de Paris (França).

Os filmes dos irmãos Lumière mostravam o cotidiano das ruas, como pessoas que desciam de um trem ou até mesmo, os trabalhadores saindo das fábricas. Ao serem exibidas, houve reações de assombro por parte das pessoas que as assistiam, eles temiam que aquelas imagens fossem ultrapassar a tela e adentrar a sala. Reconhecemos que tais comportamentos ocorreram por ter sido algo nunca visto antes e também porque o cinema causa essa sensação de emoção. Porém, passado alguns meses as pessoas já queriam ver novas produções cinematográficas, e experimentarem uma nova forma de sentir emoções. “(...) atualmente também sentimos medo, alegria ou tristeza ao ver um filme. Nesse sentido, eram exatamente como nós (...)” (ARAÚJO, 1995, p.10).

Quando pensamos no filme feito pelos irmãos Lumière, onde tinham como principal enfoque retratar a realidade social parisiense, porém, sem dispor de muitos recursos tecnológicos, poderíamos imaginar porque tal produção era vista como algo extraordinário, inovador, como nada visto antes. Dessa forma, precisamos entender que para a época, tratava-se de uma nova tecnologia, onde era possível fazer a representação do real, pois, aquele tipo de filme reproduzia o seu contexto histórico, um determinado período da sociedade, onde muito embora não existissem tantos equipamentos como temos hoje, tornou-se um marco na história da humanidade. Portanto:

O cinema mostrou que, antes de ser uma arte, é um aparelho mecânico que capta a realidade e, através dessa captação, nos permite conhecê-la melhor. Tal como se desenvolveu, sobretudo a partir dos anos 40 até hoje, o cinema apresenta-se como uma arte-meio, que nos permite conhecer melhor o mundo em que vivemos, na medida em que retrata com fidelidade aspectos dele. (ARAÚJO, 1995, p. 11)

Nesse sentido, convém destacarmos que, antes mesmo da introdução do áudio ao visual, o cinema mudo já fazia sucesso, mesmo estando focado apenas nas imagens exibidas (*Cinema mudo*), era possível compreender, atribuir sentidos e se emocionar, mesmo com a ausência de uma trilha sonora. A primeira década do século XX foi marcada pela experimentação de novas formas de estabelecer relações de tempo e espaço. Aos poucos, essas organizações direcionaram os olhares para produções que envolvessem novos espaços cinematográficos: a fábrica surge como um desses espaços, através de suas peculiaridades, relações e meios de produção.

Não demorou muito para que ocorressem mudanças significativas, mais precisamente no ano de 1907 (...) “os filmes começam a utilizar convenções narrativas especificamente cinematográficas, na tentativa de construir enredos autoexplicativos (...)” (COSTA, 2006, p. 27). Nesse sentido, o realce não está focado apenas nas ações físicas, mas começam a destacar nas produções cinematográficas as definições psicológicas dos personagens, dando ao espectador a oportunidade de vivenciarem as emoções transmitidas pelos autores, como também ter conhecimento dos seus reais propósitos na trama.

Com a introdução do áudio, aconteceram mudanças significativas na produção dos filmes. De acordo com Araujo “(...) os roteiros teriam que ser mais bem trabalhados, os diálogos precisariam ser escritos de tal e qual apareceriam na tela, os autores deveriam interpreta-los, e com boa dicção.” (ARAÚJO, 1995, p. 60). Aos poucos o cinema foi ganhando novas fórmulas e com o advento de novas descobertas, aliados as novas tecnologias que foram surgindo, não demorou muito para aparecer novas técnicas e com isso o cinema deixou de produzir apenas filmes de curta duração, dando margem a produção de documentários, comédias, ficção científica e outros estilos. “As mudanças ocorridas no cinema ainda estão ao nosso alcance, por duas razões: primeiro trata-se de uma arte muito recente; segundo trata-se de uma arte em que as ideias e as tecnologias andam lado a lado (...)” (ARAÚJO, 1995, p. 13).

A tecnologia é uma produção do ser humano, assim como aconteceu com o cinema, não podemos esquecer que um quadro branco utilizado no espaço escolar também é uma tecnologia (por mais simples que possa parecer) e foi considerado como algo que também revolucionou no tempo do seu surgimento. Dessa forma, devemos reconhecer que a tecnologia resulta da ação humana e que seus avanços ocorrem significativamente com o passar do tempo.

No Brasil, o cinema teve sua estreia em 19 de junho de 1898, para Bernardet “(...) poderia antecipar-se o nascimento, caso se comprovasse que Vittorio di Maio ou Henrique Messiano filmaram em 1897 (...)” (BERNADET, 2008, p. 19). De acordo com o autor o

reconhecimento das filmagens de Vittorio di Maio ou Henrique Messiano não aconteceram em decorrência da falta de provas. Porém, foi com o cinema novo que o Brasil conseguiu se destacar, “(...) não só pela importância que teve nacionalmente como também pela repercussão interna (...)” (BERNARDET, 1991, p.100).

Percebemos que o cinema passou por várias mudanças ao longo do tempo; na sociedade contemporânea encaramos uma realidade completamente diferente dos irmãos Lumière, porém, semelhante se compararmos com o futuro em se tratando dos avanços tecnológicos. É possível que filmes como os dos irmãos Lumière sejam considerados arcaicos e sem nenhuma atração para algumas pessoas, entretanto, precisamos entender que, para uma melhor apreciação de uma produção cinematográfica, é necessário que tenhamos uma concepção de cinema enquanto produção cultural, independente das circunstâncias do seu espaço/tempo. Levando-se em conta que um dado filme foi produzido em uma determinada época, inserido em um contexto histórico diferente, dotados de traços e características que pertencem somente a ela. Assim sendo, somos levados a avaliar um filme segundo seu contexto histórico.

No mundo contemporâneo, a cultura visual vem se destacando no espaço educacional, no sentido de que, abre novas perspectivas de análises no campo das relações ensino/aprendizagem, professor/aluno, escola/sociedade, buscando estimular a construção de novos conhecimentos e a formação de sujeitos conscientes e críticos.

2.2 A infância, seu tempo, seu espaço

Podemos perceber, através de algumas leituras que demorou muito para que a criança e a infância se tornassem assunto de destaque nas pesquisas de ciências sociais e humanas. A preocupação com a criança encontra-se presente a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo. É importante ressaltar que a infância sempre existiu, muito embora fosse focada apenas numa perspectiva adultocentrada, um conceito baseado no etnocentrismo, que acabava ocultando e negando o espaço dela até precisamente os setes anos de idade, onde era normal nessa fase, a criança assumir funções de adulto.

Sobre o olhar de Ariès “(...) Até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. E difícil crer que essa ausência se devesse a incompetência ou a falta de habilidade (...)” (ARIÈS, 1981, p. 17). Partindo das leituras desse autor, podemos compreender que, o adulto era privilegiado, a criança, mesmo quando era

representada, aparecia em uma forma menor que o adulto, mas não semelhantemente a aparência de criança. Isso era marcante até mesmo nas próprias vestimentas, pois a criança era vestida não como tal, mas, como adulto: o menino vestia-se de acordo com o pai, a menina de igual modo, com a mãe. Compreende-se que, não existiam características próprias da criança, sendo a mesma ingressa de forma precoce na vida adulta. Por sua vez, outros sentimentos dão lugar a esse esquecimento.

(...) Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação” (ARIÈS, 1981, p. 100).

É com esse sentimento de “paparicação” que a criança começa a ser notada não pelas suas peculiaridades, mas, pelo divertimento. Podemos ver ao longo da história através de documentos, Leis e teóricos como Ariès que abordam a concepção de infância, que não foi fácil o reconhecimento da criança enquanto sujeito.

O século XX se destaca por trazer transformações significativas na concepção de infância, de acordo com Melo, “(...) ocorreram importantes mudanças sociais e culturais que provocaram transformações impactantes nas concepções de infância e na socialização de meninas e meninos” (MELO, 2013, p. 89).

Percebemos que nos dias atuais, são notáveis os espaços restritos para crianças, em algumas escolas, geralmente são separadas por idade. É notório também que os pais estão levando suas crianças cada dia mais cedo para a escola, tendo em vista, que a mulher foi conquistando seu espaço no mercado de trabalho.

O século XX foi marcado dentre outros fatos, pelo crescente movimento sociopolítico em torno da infância e da criança. Esses movimentos que resultaram em estudos possibilitaram a percepção de diferentes infâncias vividas num mesmo espaço e tempo refletindo os paradoxos experimentados pelas crianças (CARVALHO, 2007, p.41).

Infância é a fase da vida humana que compreende desde o seu nascimento até os 12 anos de idade. A infância é o período das vivências, da percepção de mundo, onde a criança começa a formar seu entendimento em relação às descobertas físicas e materiais. Isso se constitui no universo infantil. Entretanto, podemos afirmar que nem toda criança vive esse

momento de maneira natural, ou seja, não vivenciam uma infância da forma como tem de ser e acontecer. Isto é, a infância acontece de direito, mas não de fato.

A relação da criança com o desenho animado é de identificação, embora a maioria das histórias mostradas no desenho tenha um aspecto de aventura, tudo mexe com o imaginário e o cotidiano da criança. O desenho animado “Chico Bento: na roça é diferente” também fala de amizade, relacionamentos, problemas sociais, conflitos domésticos; essas vivências fazem parte do mundo real da criança. Falar de criança nos faz lembrar afeto, carinho, emoções distintas; o desenho também traz momentos singulares, histórias envolventes que prendem a atenção das crianças.

Nas conversas informais com os 28 (vinte e oito) alunos envolvidos na pesquisa ficou evidenciado o lugar do desenho animado como parte integrante do cotidiano extraclasse. Nessa perspectiva, é possível perceber que o desenho animado extrapola os limites de seu uso no campo meramente educacional, alargando, portanto seu alcance, inserindo-se no dia-a-dia das relações sociais nos respectivos lares.

3. O FILME NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O filme vem ganhando espaço considerável no âmbito educacional, pois, trata-se de uma nova forma metodológica de se abordar determinados conteúdos de maneira sistematizada, dinâmica e interativa. Reconhecemos também que as produções cinematográficas possibilitam o trabalho com imagens, símbolos e outros recursos áudio/visuais. Fazer uso do filme no âmbito escolar é inserir um novo recurso didático, possibilitando um novo olhar no trabalho pedagógico.

Trabalhar com o filme de forma sistemática e planejada, não tira o brilho e a diversão que existe por trás da exibição fílmica. Nesse sentido, as intervenções são necessárias e cabíveis, pois, através dessa postura é que se pode interligar a compreensão do filme e sua correlação com a visão de mundo de cada aluno. O fato do aluno se expressar, relacionando o seu ponto de vista, ou acrescentado argumentos, não diminui o prazer que o filme proporciona, pois, "Associar aprendizagem ao prazer é uma das possibilidades que o cinema pode proporcionar (...)." (COUTINHO, 1998, p.25).

A intenção do trabalhar com filmes é também manter esta característica de entretenimento da criança, sem tornar o espaço cansativo e monótono. Ao assistir um filme, temos a oportunidade de viajar no tempo, compreendendo determinados contextos históricos ao qual não vivenciamos, ou ainda, entendermos aspectos da nossa realidade com base na própria produção fílmica. Trata-se de uma nova maneira de fazer relação com conteúdos, sem ter que estar somente atrelado a forma tradicional de ensino. O filme tem esse aspecto de sociabilidade, principalmente numa sala de aula, onde as crianças costumam expor suas opiniões de forma espontânea sobre determinada cena, possibilitando com isso um compartilhamento e interpretação de ideias, considerando também as opiniões dos seus colegas. Portanto:

Nessa perspectiva, a sala de aula pode ser incluída nos chamados meios de comunicação e não estar mais tão distante do mundo da cultura de massa baseada na linguagem audiovisual que, mesmo indiretamente, perpassa as relações ocorrentes na escola. Essa linguagem faz parte do imaginário da grande maioria de professores e alunos. (COUTINHO, 1998, p.24)

Outra peculiaridade do filme é sua forma diferenciada de proporcionar um trabalho mais envolvente em relação à linguagem, a escrita e a leitura, uma vez que, possibilita uma reflexão acerca dos tipos textuais: narração, descrição e dissertação. Por conseguinte, permite também uma abordagem interdisciplinar por conter uma diversidade de temas, imagens,

conteúdos e mensagens que podem ser exploradas através do diálogo na sala de aula ou na roda de conversa. O filme pode estabelecer relações com a realidade da criança, destacando aspectos particulares, fazendo correlações entre sua vivência e o mundo que a cerca. O professor deve estar atento à valorização desse contexto.

A organização do processo educativo pode facilitar a aprendizagem; o filme oferece vários benefícios para a educação, mais precisamente para o ambiente escolar. Assim, o fato de se incluir uma sala de vídeo na escola, reservando um horário ou até mesmo um dia na semana para que a professora possa fazer uso desse recurso, não implica dizer que a escola esteja preparada para este fim.

Existem diversos fatores a serem observados para que se tenha êxito ao utilizar o filme como recurso didático. Um desses aspectos diz respeito à qualificação do professor, onde reconhecemos que, embora as escolas estejam estruturadas tecnicamente, se faz necessário que haja profissionais habilitados e capacitados, tornando possível uma conexão desses recursos com o ensino na sala de aula. Segundo Coutinho, “As modernas tecnologias de comunicação, ao serem introduzidas na educação, sugerem transformações substanciais na estrutura funcional da escola e da sala de aula demandando uma reestrutura do trabalho pedagógico (...)” (COUTINHO, 1998, p.29).

Reconhecemos que uma proposta pedagógica que favoreça um planejamento com diversos textos, inclusive o filme, contribui para que o aluno também torne-se sujeito da própria aprendizagem. Um ponto importante seria a participação do aluno na escolha dos filmes, ficando a cargo dos professores encontrarem a melhor maneira de abordar a temática escolhida.

A escola é um lugar privilegiado para colocar em prática novos métodos de ensino, viabilizando situações didáticas e criando diferentes oportunidades de ensino-aprendizagem. Para tanto, entendemos que esse trabalho pedagógico requer um planejar a ação com antecedência, como: organizar o espaço, o tempo, selecionar cenas do filme para intervenções, avaliando sempre os resultados, dando sempre uma nova direção quando essas propostas não forem suficientes para os alunos chegarem a uma conclusão.

3.1 A intervenção do professor

O desenho animado é uma excelente escolha para se trabalhar na sala de aula, seja como mecanismo de aprofundamento de algum conteúdo específico ou mesmo como introdução de alguma matéria correlata à série de ensino em questão. Outro ponto que

podemos destacar ao se trabalhar com desenho animado, diz respeito à vivência e a convivência na construção dos valores humanos, tais como amizade, cooperação, respeito, trabalho em grupo. A criança precisa encontrar sentido no filme, sendo assim, é aconselhável que os professores garantam que o filme e sua aprendizagem tenham sentido e coerência. As imagens cinematográficas estão recheadas de discursos e leituras, é papel do(a) educador(a) instigar esse olhar, sem dificultá-lo.

É verdade que nas duas últimas décadas tem-se questionado intensamente seja a figura do professor que dita unidirecionalmente à aula seja o alheamento às novas linguagens. A difusão dos pressupostos dialógicos, interacionistas e construtivistas promoveu a revisão de práticas que viam nos alunos receptores passivos do discurso pedagógico legitimado e nos códigos verbais a única possibilidade de se constituir a experiência educativa formal. (CITELLI, 2004, p.31)

Para tanto, faz-se necessário, que o professor conheça o filme, permitindo assim a conciliação do uso do filme com os conteúdos que serão trabalhados. Neste caso, poderíamos destacar três passos importantes que o professor deve seguir: primeiro, é indispensável que haja um planejamento por parte do professor, ele precisa dominar o conteúdo fílmico. Segundo, elaborar uma pauta a ser seguida durante a execução do filme, com intervenções que possibilitem aos alunos a observação e um olhar mais apurado. Em terceiro lugar escolher a metodologia adequada.

Em relação a execução desses passos, é indicado que seja feita uma sondagem, para que o professor tenha conhecimento do que a criança já sabe a respeito daquele filme. É preciso considerar que a criança já traz consigo um conhecimento prévio, ou seja, ela já tem alguma noção em relação a filmes ao entrar na escola, principalmente, os contos. Por isso, é de suma importância que o professor considere todas essas competências da criança, dialogando ao propor as atividades consistentes, onde o mesmo irá mediar o conhecimento. A esse respeito afirma Simmel:

Vivemos num universo comunicativo em que o surgimento de novos recursos tecnológicos e a consequente eclosão de novas formas de textualidade e interação tem maximizado as oportunidades de convívio e intercâmbio de informações. Ritmos, códigos, gêneros textuais, linguagens e até mesmo valores estão sendo reestruturadas, em respostas às novas possibilidades surgidas ou intensificadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. (...) (SIMMEL *apud* DIAS 2011, p. 197).

Embora o trabalho com filme na prática pedagógica, já venha sendo desenvolvido em várias instituições de ensino, podemos perceber ao longo dos estágios (da disciplina Estágio Supervisionado) que em algumas creches e escolas de Campina Grande/PB, nos deparamos com o uso do filme sem um caráter pedagógico, mas apenas de diversão. Em algumas conversas com professores das escolas onde ocorreram os estágios, alguns justificavam a falta de formação nesse sentido, ou até mesmo por falta de um melhor planejamento que envolva novos métodos de ensino, uma vez que requer um pouco mais de tempo para sua execução. Desse modo, não basta colocar o filme e deixar que a criança aprenda por si só, é preciso que o professor faça inferências, auxilie na observação das imagens e no enredo do filme, despertando na criança a capacidade de fazer relação entre o saber escolar, os demais saberes e o conteúdo filmico.

O professor tem um importante papel, sua intervenção é essencial para que a criança associe e compreenda as semelhanças entre o filme e o conteúdo elaborado. Por isso, o educador tem que estar seguro de que a educação não está atrelada apenas a transmissão de conhecimentos. Sendo assim, o conhecimento está inserido no espaço educacional que envolve diferentes tipos de linguagens e múltiplos saberes.

Numa sociedade informatizada e tecnológica, a escola não pode ficar alheia à interação com outras linguagens, devendo fazer circular novos códigos e buscando ampliar abordagens envolvidas com o mundo imagético. Nesse movimento é possível estabelecer pontos de contato com os conteúdos educacionais (...). (SILVA, 2004, p.110).

Fazer uso de filmes em sala de aula significa poder contar com um instrumento a mais, com possibilidades reais e dinâmicas, não só estamos colocando a criança em contato com um entretenimento, pois sabemos que essa convivência já faz parte da rotina de muitas delas. Ensinar através dos filmes, significa ir além do habitual, alçar novos mundos dentro da cultura, é despertar o próprio posicionamento crítico-social da criança. Nesse sentido, a relação professor-aluno, é uma relação de troca. Como afirma Freire:

Para o “educador bancário”, na sua antidualogicidade, a pergunta obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos. E essa pergunta responderá ele mesmo, organizando o seu programa (FREIRE, 1987, p.47).

Dessa forma, fica clara a importância do trabalho do professor numa perspectiva dialógica para obtenção de resultados favoráveis em relação ao aprendizado da criança. No mundo contemporâneo, o uso de filmes faz parte do cotidiano das crianças, algumas delas passam horas e horas em frente à TV, precisamos aproveitar o uso do filme como forma de fazer uma ponte com os conteúdos escolares, de uma forma que estejam em plena concordância, trazendo assim, uma variedade de conteúdos.

Por outro lado, é preciso deixar claro que nem todas as atividades precisam fazer uso de filmes, o que vai prevalecer é se realmente existe uma concordância do conteúdo com a proposta do filme, pois se torna inviável focar um determinado conteúdo sem sua devida harmonia, texto-filme. Por isso, há uma preocupação em saber até que ponto os professores estão preparados para inserir essas novas tecnologias na sua prática, ou seja, não basta que a escola tenha uma televisão e um DVD, para que assim se possa trabalhar o filme na sala de aula como um instrumento para aquisição de conhecimentos. Portanto:

Ao escolher um filme para incluir nas suas atividades, o professor deve levar em conta o problema e adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para classe; articulando com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação a faixa etária específica da classe na relação ensino-aprendizagem. (NAPOLITANO, 2003, p. 16).

Para Napolitano (2003), ao escolher um filme é preciso verificar se a escolha está inserida no currículo e no conteúdo a ser trabalhado na sala de aula. Nessa perspectiva, não podemos esquecer que, a falta de preparação do professor contribui para que o filme não seja trabalhado de forma adequada, nem articulada com o planejamento, sendo importante que ele faça um curso direcionado ao trabalho com o uso didático-pedagógico com filmes infantis e desenho animado. A formação continuada do professor aparece no artigo 63 inciso III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, que diz: “os institutos superiores de educação manterão programa de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis”. Nesse sentido, cabem aos órgãos públicos competentes, possibilitar aos professores capacitação adequada para a utilização de novas tecnologias na sala de aula.

No entanto, não podemos negar que essa formação é oferecida através de cursos de extensão nas universidades, onde é aberto para profissionais da área de educação, porém, ainda é ofertado em número limitado de vagas e pouco divulgado nas escolas, o que acaba

impossibilitando a participação desses docentes, segundo relato de professores ao longo dos estágios de observações e docência. É necessário que o professor desperte para essas mudanças; precisamos evoluir de acordo com a demanda e com as novidades para a área educacional. Dessa forma, é interessante que não somente o professor, como toda a escola esteja sensível às novas formas de ensinar.

3.2 A participação da criança

A criança está aberta a aprendizagem; assistir um desenho animado é considerado por muitos, um momento divertido. Mesmo ocorrendo dentro da sala de aula, isso quebra um pouco da rotina desse espaço, proporcionando uma interação maior entre todos, possibilitando as crianças se expressarem com naturalidade. Nesse sentido, é perceptível a interlocução entre as crianças; essa troca é resultado de uma abertura para o diálogo nas realizações de atividades feitas em roda de conversa ou em grupo.

As discussões durante a execução de um filme são importantes, para que a criança possa avançar, criar conceitos ou resolver conflitos. Outra questão essencial que geralmente acontece é que a criança acaba fazendo associações, seja com outros filmes, seja com livros de histórias, ou ainda com o próprio conteúdo do livro didático. O filme tem esse aspecto de contribuir para que a criança possa fazer relações entre os conhecimentos.

Na hora que está assistindo um desenho animado, é notória uma sensação de liberdade, de expressão da criança, pois à medida que o professor vai fazendo a intervenção, o aluno (a) tem a oportunidade de se expressar, tirar dúvidas, questionar e até mesmo discordar. Esses momentos contribuem para a compreensão do desenho animado como um todo, proporcionando também a interação, o conhecimento e autonomia intelectual dos alunos.

Além das discussões que podem acontecer durante e no final da exibição do desenho, impulsionadas pela análise de diversas cenas, é preciso que o debate seja organizado de maneira que haja participação de todos na sala. É comum que alguns falem mais do que outros, porém convém incluir no debate também aqueles que não gostam muito de se expressar. Dessa forma, com o envolvimento de todos, a construção da compreensão do sentido das mensagens que o filme passa, acrescentará e desenvolverá sensibilidades no aluno, possibilitando identificar mensagens implícitas e fazer relação com o conteúdo estudado na sala de aula.

Quando os alunos conseguem fazer a correlação do desenho animado com os conteúdos ou abordagens feitas pelo professor(a), como também através das discussões com

as outras crianças, eles aprendem a criar seus próprios conceitos, despertando para uma postura de iniciativa e posicionamento, desenvolvendo a capacidade de argumentação e de respeito à opinião dos outros. Segundo Piaget “(...) as crianças depois dos sete anos torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmos para coordena-los (...)” (PIAGET, 1994, p. 41).

A criança ao entrar em contato com as imagens cinematográficas se expressam de forma espontânea, expondo o conhecimento pré-estabelecido de si e de mundo, para assim, entender o filme. Nesse sentido, o professor tem um papel importante na formação inicial das crianças, que na atualidade, vem sendo cada vez mais cedo, expostas ao mundo das imagens. O filme permite que a criança se expresse de maneira natural, colocando em evidência conhecimento do mundo real que à cerca. Sendo assim, quando a criança fizer expor algo que não tenha relação com o conteúdo, é necessário que o professor valorize-a e continue o debate para chegar a uma resposta cabível e consensual, mas sempre mantendo o dialogo.

Vale ressaltar que, os seres humanos têm suas diferenças culturais como a própria linguagem, a dança, a maneira de ser e vestir, os valores, as crenças e etc., e que, através da utilização do filme na sala de aula podem ser compartilhadas, construindo diálogos e relações entre as crianças, gerando consequentemente troca de experiências significativas para a aprendizagem como um todo.

4. AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO ANIMADO NO ESPAÇO ESCOLAR

É importante que, a escola proporcione aos alunos novas formas de linguagens. Nem sempre aprendemos do mesmo jeito e ao mesmo tempo, a criança ao chegar numa instituição de ensino, traz consigo uma “bagagem” cultural. Ao oportunizar o acesso do desenho animado como parte integrante de um texto que não está visivelmente estruturado num papel, a escola possibilita que o aluno desvende as imagens e tire conclusões de determinadas situações do desenho. Nesse sentido, o papel da escola também está relacionado a criar situações que despertem no aluno um caráter investigativo em relação aos fatos que lhe forem apresentados.

4.1 Sujeitos participantes da pesquisa

Para o desenvolvimento da referida pesquisa, entrevistamos 28 (vinte e oito) alunos com idade entre 09 (nove) e 10 (dez) anos, todos estudantes de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual de Campina Grande-PB.

4.2 Procedimentos metodológicos

Desde criança, temos o hábito de observar as coisas; de acordo com Freire “O instrumento da observação apura o olhar (e todos os sentidos) tanto do educador quanto do educando para a leitura diagnóstica de faltas e necessidades da realidade pedagógica” (FREIRE, 1996, p.3). Observar é uma técnica que une o objeto da pesquisa ao seu observador. Por isso, em se tratando de uma instituição escolar, envolver toda equipe não é uma tarefa fácil, pois requer sensibilidade, paciência e acima de tudo que seja uma relação de transparência e compromisso.

Nossa pesquisa teve como referência metodológica a pesquisa qualitativa, a observação participante, visto que foi realizada com um número pequeno de pessoas, desse modo tivemos a oportunidade de estarmos mais próximos dos envolvidos.

4.3 Os instrumentos da pesquisa

O primeiro instrumento utilizado foi a observação, para conhecermos a instituição e termos o primeiro contato com os sujeitos envolvidos; em seguida foi a realização de

entrevistas semi-estruturadas que seguiam um roteiro contendo seis perguntas, sendo “(...) conduzidas com base em um roteiro previamente estabelecido que oriente o pesquisador sobre o que se deseja saber da pessoa ou do grupo que é entrevistado.” (MALHEIROS, 2011, p. 196). Essa entrevista serviu como uma espécie de sondagem, visto que, não podemos desprezar o conhecimento prévio dos alunos.

A entrevista representa um conjunto de informações riquíssimas para posterior análise, havendo, portanto, a possibilidade direta de ouvir o(s) sujeito(s) da pesquisa. É de fundamental importância que a entrevista ocorra da forma mais natural possível e num local adequado. Como afirma Malheiros, “(...) é preciso que haja um clima que permita o estabelecimento de uma relação de confiança, já que o que se busca é a autenticidade da resposta (...).” (MALHEIROS, 2011, p. 198).

O segundo instrumento de pesquisa utilizado foi à observação participante, através da execução de uma sessão do desenho animado “Chico Bento: na roça é diferente”, a fim de observar a participação da criança e suas reflexões acerca do desenho animado, analisando também a atividade proposta pela professora regente. Para que as resposta não ficasse repetitiva, escolhemos algumas crianças que serão identificadas pelas letras do alfabeto,

4.4 Resultados e análises da entrevista

Depois de colhidas as informações, partimos para análise dos dados obtidos, fazendo uma leitura minuciosa das informações, levando em consideração todo processo desenvolvido ao longo da pesquisa, para assim, chegarmos à compreensão da referida análise.

4.4.1 Entrevista com os alunos

Realizamos a entrevista contendo (seis questões) abertas envolvendo 28 (vinte e oito) alunos, sendo 17 (dezessete) do sexo masculino e 11 (onze) do sexo feminino. As perguntas encontram-se dispostas a seguir:

Você já foi ao cinema?

Das 28 (vinte e oito) crianças da sala, apenas 02 (duas) disseram que ainda não conheciam o cinema. Alguns deles relataram que apenas tinham ido uma ou no máximo três vezes ao cinema. Por estar atuando nessa escola desde março de 2014 como estagiária do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID tivemos a oportunidade de participar de uma amostra cultural no SESC/CG, conforme ilustra a figura abaixo.



Figura 1 – Cinema do SESC Centro de Campina Grande

Fonte: Estágio PIBID/2014 (Arquivo próprio).

Para alguns alunos entrevistados foi à primeira vez que foram ao cinema. Porém, um fato curioso nos chamou atenção: foi de uma aluna, que chamaremos de F, respondeu nunca ter ido ao cinema. Entretanto, no seu imaginário, o anfiteatro do SESC/CG não representa um cinema típico e exclusivo apenas para a exibição de filmes e desenhos animados. Ou seja, na visão da aluna, aquele local estava mais para um palco, um teatro, ou outra coisa qualquer, do que para um cinema (nos moldes tradicionais). Como afirmou a aluna F: *Não considero aquilo como um cinema, cinema é aquele do shopping*. Embora nunca tenha ido ao cinema no shopping, mas já viu imagens de como é, percebemos que, o cinema também é representado pelo lugar (tela grande, som acústico, cadeiras distribuídas em declive, o rapaz da bilheteria, etc.) e pelo espaço. Não podemos negar que o cinema de fato desperta outras sensações na criança.

Na sua casa tem TV E DVD?

Todos os alunos entrevistados responderam que possuem aparelho de TV E DVD, isso nos leva a crer que, assistem a filmes e desenhos animados. Reconhecemos que esses aparelhos estão presentes de forma maciça em muitos lares. Isto se torna um atrativo a mais,

um entretenimento, para quem tem crianças em casa. Porém, o contato das crianças com os filmes e desenhos animados, muitas vezes acontece de maneira precoce, mas (no geral) sem um caráter de intenção educacional.

Vivemos num mundo saturado de imagens e sons. Ninguém, há cinquenta anos, poderia imaginar o alcance desse fato. Com a profusão de imagens em movimento, entramos em uma etapa histórica que tem grandes repercussões sociais e intelectuais para a humanidade; passamos rapidamente da fase anterior a esta, que incorporou a dimensão audiovisual como instancia asseguradora do transito do conhecimento e dos afetos. (SILVA, 2004, p. 135).

Você tem DVDS? Quais?

A pergunta supracitada faz alusão aos discos versáteis de gravação digital (DVDs) quem contém os filmes e desenhos animados. Dos 28 (vinte e oito) alunos, 27 (vinte e sete) responderam que possuem filmes, com exceção de um aluno que afirmou assistir direto da internet. Atualmente os desenhos animados fazem parte do cotidiano da criança, nesse sentido, a escola precisa ampliar seus horizontes, dialogando com outras tecnologias. Dificilmente, o trabalho com o desenho animado tem sido uma experiência para muitas crianças na escola. Podemos perceber que mesmo com todos os avanços tecnológicos, muitas escolas ainda continuam ligadas aos modos tradicionais de ensino. Todavia, faz parte da escola na atualidade, promover meios de inserção de diversidade textual, enriquecendo dessa forma e consideravelmente seu projeto pedagógico.

Em média, quantos filmes você assiste durante a semana?

Ao observarmos os números referentes às respostas dessa pergunta, constatamos que 53,5% dos alunos entrevistados (15), assistem de 5 a 10 filmes por semana. Esses números evidenciam uma realidade cada vez mais notável no cotidiano da criança; muitas delas passam horas na frente da TV, de acordo com Cintelli: “Esses dados demonstram que a linguagem televisiva preenche cada vez mais o dia-a-dia desses pequenos telespectadores”. (CINTELLI, 2004, p. 111). É interessante que a escola também proporcione essa leitura, mas de uma maneira sistematizada e relacionada com o currículo e a proposta pedagógica.

Você acha que é possível aprender através dos filmes?

Todos responderam de forma afirmativa. Nesse sentido, percebemos que, os alunos não reconhecem o filme apenas como forma de divertimento e entretenimento, mas como uma possibilidade real de aprendizagem. Dessa forma, é importante trabalhar com textos variados, proporcionando oportunidades de fazer associação do filme com o conteúdo que está sendo trabalhado na sala de aula. Porém, devem existir critérios em sua seleção, levando em conta o nível de dificuldade e compreensão do aluno ao assistir um filme mais complexo. Portanto:

As chaves de leitura e abordagem de cada filme, construídas conjuntamente pelos professores e orientadores, com bases nas sugestões de especialistas e das próprias descobertas práticas, é que vão determinar o sucesso das atividades e da adequação dos filmes ao segmento específico de alunos que constituem o público alvo de atividades (NAPOLITANO, 2003, p. 21).

Entendemos que o professor deve conhecer previamente o desenho animado a ser utilizado, para poder fazer as intervenções necessárias e cabíveis. A ação ou efeito de abordar vem de um planejamento elaborado, porém não pronto e acabado. Pois sabemos que o ato de planejar necessita de flexibilidade. Em se tratando do trabalho com crianças, essa característica flexível é colocada em prática através da interação, reconhecimento e valorização de sua fala.

Qual o filme que você gostaria de assistir na sala de aula? Por quê?

Os alunos demonstraram interesse em trazer seus próprios filmes para que fossem assistidos. Esse interesse, pode se tornar em algo estimulante e instigante para a professora no sentido de fazer uma seleção de filmes, acordado com a temática a ser trabalhada em sala, inserindo assim, o aluno no planejamento da aula. A seguir destacamos algumas indicações de desenhos animados dos alunos, que iremos chama-los por Y, W, X e Q.

- Y - *Irmão Urso*, porque nele a gente vai aprender que sempre tem que escutar os mais velhos, se eles falam é para o nosso bem.
- W - *Frozen*, porque é bom para aprender e tem as musicas que ensina sobre o inverno, como é que é o inverno.
- X - *Smurfs*, porque ele fala de aprender a lidar com as outras pessoas.
- Q - *Hora da aventura*, porque é divertido.

Percebemos que alguns alunos conseguem fazer essa relação do filme com a aprendizagem, tanto no que diz respeito ao conteúdo, como também à filmes que trazem lições de vida.

Na sociedade moderna, talvez possamos afirmar que o desenho animado exerça um papel semelhante ao conto embora não o substitua, uma vez que ambos devem participar da vida da criança. Enquanto o conto fala da linguagem interior, preparando a criança para lidar com suas estruturas psicológicas, emotivas etc., o desenho mostra-lhe a realidade das coisas, por possuir uma linguagem voltada para os problemas da vida real, para exterioridade (...) (SILVA, 2004, p. 116).

Com esse entendimento, reconhecemos a dimensão do trabalho com as imagens cinematográficas, quando a criança Y cita o desenho *Irmão Urso* para se trabalhar a questão do respeito, podemos imaginar que ela está fazendo referência a um dos valores humanos, sendo assim, não podemos negar que a criança é um ser social, que vivencia histórias de um mundo real e através de um filme ou desenho animado é capaz de fazer associações pertinentes em relação ao conteúdo fílmico.

4.5 Análise do desenho “Chico Bento: Na roça é diferente”

O desenho “Chico Bento na roça é diferente” tem duração de 6.54 minutos, o mesmo está disponível no youtube e em CD com o título “Turma da Mônica – Bicho Papão e Outras Histórias” 2004. A professora teve como objetivo nessa atividade, estabelecer relações entre dois espaços (Rural e Urbano) do conteúdo da disciplina de geografia, proporcionando que os alunos pudessem visivelmente identificar as diferenças e semelhanças existentes em ambos os espaços. Outro critério de escolha do desenho pela professora foi em relação ao tempo, pois, trata-se de um curta-metragem, podendo ser exibido por completo em apenas uma aula.

4.5.1 O enredo

A história do desenho animado começa quando Zeca o primo de Chico Bento chega da cidade para passar uns dias na roça e é surpreendido com um estilo de vida diferente do seu. Logo na volta para casa de Chico Bento, seu primo não tem paciência e pergunta para Chico:
- Não dá para esse treco andar mais rápido?

Nesse momento, Chico diz que com o burrico tem que ser na base da paciência, como mostra a figura abaixo; o primo não estava muito satisfeito, pois achava que estava demorando muito. Zeca pediu para o burro acelerar e acabaram caindo da carroça. Logo depois, Chico diz que Zeca ofendeu Honório (o burro) e agora para o animal voltar a andar vai dar um trabalhão.

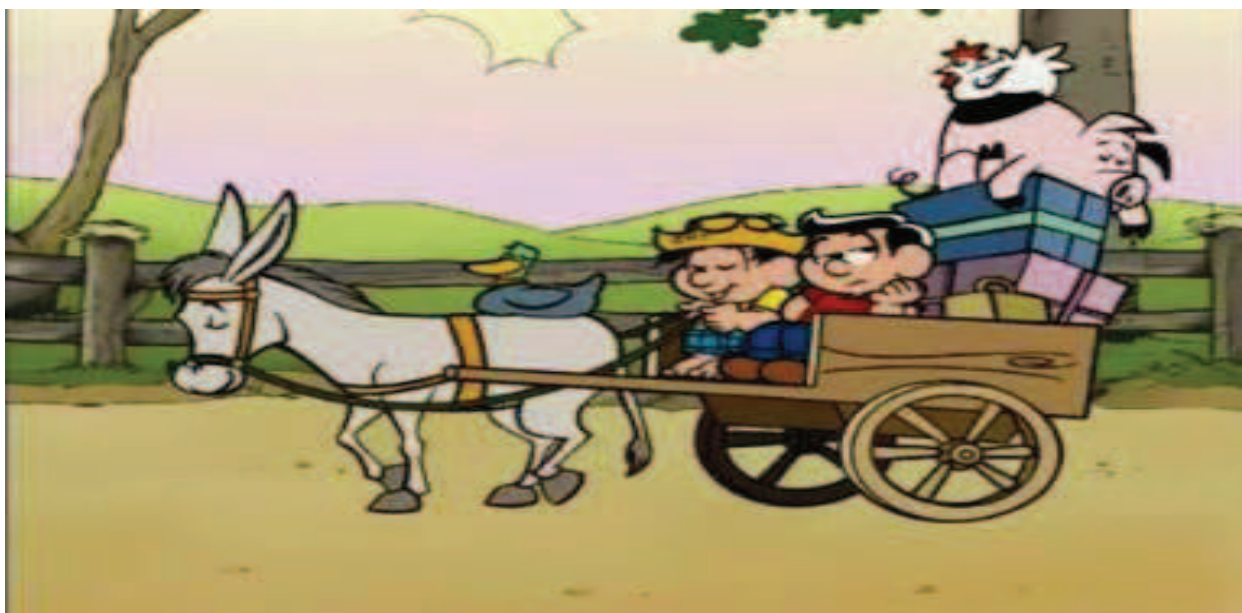


Figura 2 – Chico Bento na roça é diferente.

Fonte: Internet <http://redeglobo.globo.com/>

Quando chegaram a casa, a mãe de Chico Bento, disse que estava precisando de ajuda para preparar o almoço, Zeca: - Oba! Saiu correndo para dentro da casa, mas leva o maior susto! Indagando: - vocês foram roubados, levaram tudo! Levaram tudo! Microondas, geladeira, liquidificador e só deixaram essas coisas velhas. Porém, Zeca fica surpreso quando a mãe de Chico diz que é com essas coisas que ela faz a comida. Zeca parece não acreditar no que está ouvindo. Nesse momento, a mãe de Chico Bento pediu para que eles fossem pegar um montão de coisas para ela fazer o almoço. Zeca pergunta: - Onde é o supermercado?

Chico responde: - o mais perto fica a mais de vinte léguas daqui. O primo então se lembra do quanto demorou chegar à casa de Chico Bento. Nesse momento, Chico pediu que Zeca ficasse calmo e disse: - Você não vai precisar ir até o supermercado, pois tem tudo o que precisa aqui mesmo no nosso quintal. Chico manda Zeca pegar os ovos, mas quando Zeca chega não encontra os ovos, tal como é encontrado no supermercado e volta até Chico dizendo que lá só tem galinhas. Chico então pergunta: primo de onde você acha que vem os

ovos? Zeca então responde: das caixinhas de isopor. Então Zeca volta e começa a sacudir a galinha, que sai correndo atrás dele. Chico fala para o primo que não é assim, é com jeitinho.

Chico diz: agora está faltando o leite e a cenoura.

Zeca então disse: - Deixa o leite com comigo e pergunta: você prefere em pó ou na caixinha? Quando o Zeca chega perto da vaca e vê que não tem botão para apertar e nem lugar para colocar a ficha, a não ser que é essa cordinha, Zeca puxa o rabo da vaca, que o joga longe.

Chico fala: - assim, você machuca a pobrezinha da maiada e novamente repete: tem que ter jeitinho. Ele tira o leite da vaca e fala agora sim, com carinho, com jeitinho. Ao voltar para casa, na mesa, almoçando, Chico faz algumas considerações: vocês da cidade pensam que é só ir apertando os botões que tudo se resolve. Mas, não é assim não, precisa de amor, carinho e diz que o primo terá muito tempo para aprender.

Outra cena é quando o primo faz carinho no cavalo antes de montar; Chico diz: muito bem primo, agora é só montar. O filme acaba com o primo dizendo: adorei as férias, as experiências que tive na roça, vou levar pelo resto da minha vida.

Notamos que Zeca não conhecia o modo de vida de Chico Bento na roça, sendo compreensível seu estranhamento diante daquelas situações. Reconhecemos que o desenho tem caráter divertido, e que muitas cenas representam apenas ficção. Não é difícil nos dias atuais, encontrarmos crianças que não conhece uma galinha, a não ser a *galinha pintadinha* do desenho animado. Porém, em relação aos dois espaços, na atualidade o espaço rural já não se diferencia tanto do urbano.

Outra situação que é bem destacada no desenho é o fato do primo de Chico Bento apertar os botões para tirar o leite da vaca; isso nos mostra que as tecnologias estão cada vez mais avançadas e que tal avanço, influência diretamente no comportamento e na maneira de pensar da sociedade.

4.5.2 Chico Bento: Na roça é diferente sob a visão da criança

Como o desenho é de curta duração, primeiro os alunos assistiram, na sequência a professora perguntou sobre as diferenças do campo em relação à cidade. Vale a pena ressaltar que os alunos ficaram super à vontade para responder as questões, sem nenhum estranhamento, pois faz parte do processo de uma intervenção priorizar o diálogo para que eles possam também aprender um com o outro.

Assistiram ao desenho 28 crianças. No decorrer da exibição do desenho se ouvia muitas gargalhadas e comentários, destacaremos algumas falas dos alunos no momento da exibição do desenho animado, representados por letra do alfabeto.

B – *Ele não sabe que o ovo fica embaixo da galinha.*

C – *A galinha tá correndo atrás dele.*

D – *Eita!*



Figura 3 – Registro do momento em que os alunos assistiam à sessão do desenho: “Chico Bento: Na roça é diferente”.

Fonte: Estágio PIBID/2014 (Arquivo próprio).

Sabe-se que a criança é um ser social e atuante, no espaço da sala de aula a interação com a professora e demais colegas lhes proporciona participação através do seu conhecimento de mundo. Após a exibição do desenho animado “Chico Bento: Na roça é diferente”, em uma roda de conversa informal, os alunos foram indagados oralmente em relação às diferenças do campo para a cidade, citando, quais as cenas que chamaram mais atenção, registramos algumas vozes:

F - *Na roça tem poucas casas.*

V - *Lá as pessoas tiram leite direto da vaca, aqui compramos na caixinha.*

A – *Na roça, pega os ovos da galinha, na rua vem na caixinha de isopor.*

Notamos que as respostas estavam direcionadas ao desenho como verdade absoluta das informações contidas em “Chico Bento: na roça é diferente.” A roda de conversa seria o ponto de partida para que fossem desconstruídas essas generalizações, visto que, o desenho contém cenas estereotipadas.

Em seguida voltamos para sala de aula onde os alunos responderam a um questionário. Destacamos a seguir a primeira pergunta: *Observe as duas figuras e descreva suas diferenças. Depois dê um nome para cada uma delas.* Ao observarmos as figuras abaixo, percebemos que algumas respostas dadas pelos alunos, sem a devida mediação do professor, contextualizando as figuras com o desenho exibido, pode induzir o aluno a relatar simplesmente diferenças contidas nos desenhos, sem fazer nenhuma reflexão das imagens a partir de seus espaços reais.

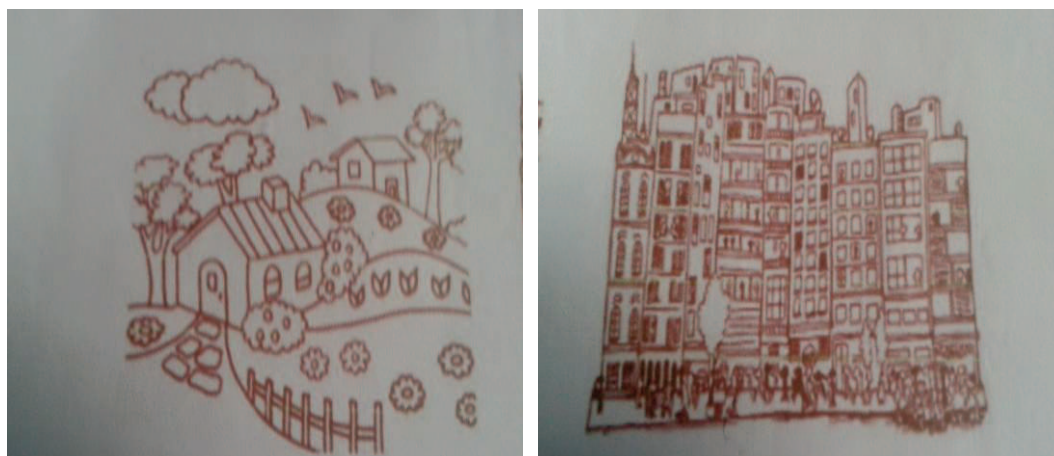


Figura – 4 – Imagem do espaço rural e urbano

Fonte: <http://slideshare.net/SheylaTasso/episodio-do-chico-bento-na-roa-diferente>.

Expomos a seguir, algumas respostas da pergunta relacionada às figuras acima, identificando os alunos por letras do alfabeto:

- ML: *No campo tem mais animais, flores, plantas, frutas e os costumes são diferentes. Na cidade tem prédios, carros, motos, casas, supermercado e muita gente e eles tem costumes diferentes.*
- F: *No campo tem árvores, flores, casa de tabua, casas das galinhas e não é poluído. Na cidade tem vários prédios, shopping, padaria, carros e outras coisas como indústria, padaria, o desmatamento e a poluição.*

- K: *No campo o primo de Chico Bento não sabia tirar leite e ovos e também não sabia como era o campo.*
- L: *No campo é mais diferente, já na cidade também. No campo todo mundo fala errado, já na cidade as pessoas fala normal, no campo não precisa comprar é só pegar o ovo e botar na mesa e também pegar o leite da vaca. Na cidade compra ovo na caixinha de isopor e também compra o leite de caixinha, etc.*
- T: *No sitio tem casas, árvores, nuvens e plantas. Na cidade tem prédio, pessoas, casa e árvores.*

Percebemos que essa primeira pergunta refere-se às imagens que estão na atividade e não ao desenho, isso pode induzir ao erro.

ML destaca um ponto muito importante que é a questão dos costumes serem diferentes, ou seja, entendendo que, assim como na roça a cidade também tem seus costumes e diferenças, que não precisa ser necessariamente os mesmos.

O aluno F também destaca na roça (zona rural) as árvores, flores, casas de galinhas, mas diz que na roça não é poluído; na cidade cita prédios, shopping, porém acrescenta um elemento novo o desmatamento e a poluição. Ao frisarem árvores, flores como paisagens que não fazem parte da cidade, percebe-se que essa explicação baseia-se apenas na análise das figuras, esquecendo-se de contextualiza-las no âmbito da realidade de hoje, mostrando que na cidade também existem essas paisagens, mas em proporção menor devido ao grande número de área construída e as constantes alterações no espaço territorial urbano.

O aluno K responde que o primo de Chico Bento não sabia tirar leite da vaca e não conhecia a vida no campo, já a aluna L considera que a maneira de falar no campo é errada, diferente da fala da rua (cidade), considerada pela mesma como “normal”. Para a aluna T ao responder que, na imagem que representa o sitio tem nuvens e na outra (a cidade) não tem, ela destaca as diferenças em relação as imagem em si mesmas, não relacionado-as enquanto representações do real: cidade e campo (espaço urbano/espaço rural). Porém, Napolitano acrescenta:

(...) É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagens do filme como conteúdo escolar. Este é o desafio (NAPOLITANO, 2003, p. 15).

Ainda dialogando com Napolitano (2003), ressaltamos a importância em se trabalhar com o desenho animado no espaço escolar, mas precisamente no ensino fundamental, falamos também da valorização de outros meios que contribuem para o ensino-aprendizagem dos alunos, como por exemplo; uma atividade onde o aluno possa refletir sobre o desenho, demarcando assim, a ação do(a) professor(a). A utilização do desenho animado como recurso didático pedagógico é relevante, se atender ao processo de constituição na formação do aluno e não apenas como recurso sem importância ou como um passa tempo.

Questionados em relação às vestimentas de alguns personagens, com destaque para Chico Bento: quatro alunos (R, K, L e T) responderam: chapéu de palha, calça, camisa. F respondeu: roupa de campo e roupa da cidade.

Ao perguntarmos sobre quais os meios de transportes que aparece no filme, todos os alunos responderam carroça de burro e trem. Essa pergunta poderia ser ampliada com uma discussão para as mudanças que hoje encontramos no campo em relação aos transportes; o que ocorre é um aumento de veículos como motocicletas, motonetas, transportes que a bem pouco tempo eram tidos como típicos da cidade. Em relação aos meninos do desenho (Chico Bento e seu primo), o que tinham que fazer para ajudar no almoço e o que os mesmos foram colher na roça, todos responderam: *pegar ovos, leite, cenoura e laranja*. Outra indagação foi qual o problema que o primo de Chico Bento teve que enfrentar para encontrar leite. Os alunos ML, K, L e T responderam: *porque ele pensou que a vaca era uma máquina*. F respondeu a mesma coisa, apenas acrescentou que os animais precisavam de amor. Outra pergunta era para citar os animais que aparecem no desenho. Todos responderam: *vaca, porco, cavalo, galinha, boi e tartaruga*.

Por último, Onde mora Chico Bento e seu primo?

Todos responderam: *Chico Bento no campo e seu primo na cidade*.

Percebemos que a atividade deixou algumas lacunas, por conter perguntas fechadas e não fazer uma reflexão com a realidade atual dos dois espaços. “(...) é importante reiterar que o uso do cinema na sala de aula (incluindo os desenhos animados) não é uma atividade isolada em si mesma, podendo estimular outros tipos de aprendizado de conteúdos, habilidades e conceitos (...) (NAPOLITANO, 2003, p.22)”. Embora o espaço rural e urbano tenham suas diferenças, seus costumes e seus modos de vida, não podemos negar que já não há tanta distinção assim, pois, a cultura não é estática, o espaço rural incorporou muito dos modos de vida da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES

Pode-se perceber que é possível interligar cinema e educação no processo de ensino-aprendizagem. A observação, leituras bibliográficas e relatos das próprias crianças trouxeram contribuições valiosíssimas para a pesquisa. Percebemos que a utilização do desenho animado na sala de aula oferece possibilidades de crescimento não apenas intelectual, mas social e pessoal, pois, a criança não é um ser do por vir, mais precisa ser vista como cidadã participante e atuante.

O desenho animado “Chico Bento na roça é diferente” mostrou que, o ensino do conteúdo sobre o espaço rural e urbano, possibilitou uma reflexão além do planejado pelo professor, oportunizando discussão sobre os estereótipos que se encontram no desenho, possibilitando assim, fazer uma análise de outros valores que vivenciamos na nossa atual sociedade, percebendo que já não há tanta diferença entre ambos os espaços, sendo importante entender que, “a inclusão escolar leva em consideração a pluralidade das culturas, a complexidade das redes de interação humanas” (MACHADO, 2008, p.69).

É pertinente registrar que o desenho proporcionou uma discussão sobre as relações de respeito, aos saberes e modos de vida diferentes que levamos, seja em relação ao espaço rural e urbano ou até mesmo, em referência a nossa maneira de pensar.

A partir da atividade comparativa das imagens, foi possível entender que, a mesma deixara em aberto algumas lacunas, pois, continha questões fechadas, proporcionando apenas respostas meramente descritivas, e em algumas situações induzia ao erro, sem fazer a relação deseja com a atualidade e o desenho animado. Deste modo, reconhecemos que, trabalhar filmes e desenhos animados na prática pedagógica, oferece-nos a oportunidade de vivenciar, juntamente com as crianças, novos saberes, novas reflexões e novos olhares acerca do mundo contemporâneo.

Reconhecemos que a função da educadora não é apenas trabalhar o filme por si só, mas levar o aluno a interpretar as imagens contidas na cena. Compreendemos também nas falas das crianças que o desenho animado não só desperta o interesse das mesmas em relação à disciplina, como também, as crianças demonstraram a vontade de contribuir para a escolha do filme a ser utilizado na sala de aula, mostrando grande empenho em se envolver no planejamento.

O uso do filme na sala de aula também desperta a sensibilidade, faz com que a criança se coloque no lugar do outro, entendendo seus valores, suas diferenças e identificando

também suas semelhanças. Os desenhos da turma da Mônica falam de relacionamento, família, valores e amizade. O filme “Chico Bento: Na roça é diferente”, pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, englobando não apenas a geografia, mas, e também, as demais disciplinas.

Percebe-se através da entrevista que o ato de assistir filmes faz parte do cotidiano dos alunos, dessa forma, reconhecemos que a escola pode fazer uso dos mesmos na prática pedagógica, tendo em vista, o quanto é prazeroso aprender assistindo um desenho animado. A participação dos alunos durante a sessão do filme nos mostrou o quanto o desenho contribui para o desenvolvimento da atenção, levantamento de hipóteses, formação de conceitos, análise e compreensão de fatos.

Reconhecemos que, o desenho animado é uma ferramenta riquíssima no processo de aprendizagem, desde que seja utilizado de forma planejada e adequada ao conteúdo trabalhado na sala de aula, levando os alunos a refletir, indo além das imagens cinematográficas. Portanto, com base na nossa pesquisa, observações e leituras sobre a temática foi possível reconhecer que, o cinema constrói novos e diferentes conhecimentos, envolvendo uma interdisciplinaridade e possibilitando novas formas de aprender no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Inácio. **Cinema o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995. (História em aberto).

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é o cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia**. São Paulo: Annablume, 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 23 de dezembro de 1996**. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis de. **Educação infantil: Percursos, percalços, dilemas e perspectivas – 2 ed.** Ilhéus:Editus, 2007.

CHICO Bento em: Na roça é diferente – Turma da Mônica. Disponível em https://www.youtube.com/results?search_query=chico+bento+na+ro%C3%A7a+%C3%A9+diferente> Acesso em 25 nov.2014.

CITELLI, Adilson Odair. Educação e Mudanças; novos modos de conhecer. In: CITELLI, A. (coord.) **Outras linguagens na escola: cinema, TV, rádio, jogos, informática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004 (pp.18-38).

COSTA, Flavia Cesarino. Primeiro Cinema In: MASCARELLO, Fernando (org.) **História do Cinema Mundial**. Campinas, Papyrus Editora. 2006 (pp.17-52).

COUTINHO, Laura. Sala de cinema/Sala de Aula. In: SEED. **Salto para o futuro: TV e Informática na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília. Série Estudos. Educação a Distância; v.3. Ed. Estação das Mídias, 1998.

DIAS, Ângela Álvares, Correia. Educação Hipertextual: Por uma abordagem dialógica e polifônica na leitura de imagens. In: WELLES, Wivian. PLAFF, Nicole (Org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (pp.197-207).

Episódio de Chico Bento na roça é diferente – Slide Share. Disponível em: < <http://slideshare.net/SheylaTasso/episodio-do-chico-bento-na-roa-diferente>>. Acesso em 25 nov.2014.

Turma da Mônica: primo de Chico Bento cria muita confusão na roça. Disponível em: < <http://redeglobo.com/turma-da-monica/noticia/2013/03/turma-da-monica-primo-de-chico-bento-cria-muita-confusao-na-roca>>. Acesso em 24 nov. 2014.

Turma da Mônica – bicho papão e outras histórias. Disponível em: < <http://www.cineclick.com.br/turma-da-monica-bicho-papao-e-outras-historias>>. Acesso em 23 nov. 2014.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: Instrumentos metodológicos (I). São Paulo: Espaço pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^o ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MACHADO, Rosângela. Educação inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (pp.69-152).

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação** - Rio de Janeiro: LTC, 2011. (pp. 39-64).

MELO, Rosemary Alves de. As mídias cinematográficas e as infâncias contemporâneas: identidades e marcas de gênero da Disney e “Shrek”. In: SERAFIM, Maria Lúcia et all. **Tecnologias em seus múltiplos cenários**. João Pessoa, EDUFPB, 2013. (pp.89-104).

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. (pp.11-37).

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. D` AMORIM, Maria Alice Magalhães e SILVA, Paulo Sérgio Lima. Rio de Janeiro: Forense, 1994. (pp. 13-57).

SILVA, Salete Therezinha de Almeida. O desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (pp.109-131).

SILVA, Y. J. Meios de comunicação e educação: o rádio, um poderoso aliado. In: CITELLI, A. (coord.) **Outras linguagens na escola**: cinema, TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004 (pp.133-174).

APÊNDICE

1. Você já foi ao cinema?
2. Na sua casa tem TV e DVD?
3. Você tem filmes? Quais?
4. Em média, quantos filmes você assiste durante a semana?
5. Você acha que é possível aprender através dos filmes?
6. Qual o filme que você gostaria de assistir na sala de aula? Por quê?

ANEXO I

TURMA DA MÔNICA - BICHO PAPÃO E OUTRAS HISTÓRIAS, 2004

FICHA TÉCNICA

Gênero: Animação

Direção: Mauricio de Sousa

Duração: 57 min.

Ano: 2004

País: Brasil

Cor: Colorido

ANEXO II



Episódio do Chico Bento em : *Na Roça é diferente*

Por Sheyla Tasso 09/10/13
Cité Scolaire Internationale de Lyon

1) Observe as duas imagens e descreva suas diferenças. Depois dê um nome para cada uma.

Nome _____

Nome _____



2) Assista ao desenho do Chico Bento em *Na Roça é diferente* e responda:

Descreva como os personagens estão vestidos. _____

Quais são os meios de transporte que aparecem no desenho? _____

O que os meninos tinham que fazer pra ajudar a fazer o almoço? _____

O que eles foram colher e onde? _____

Qual foi o problema que o primo do Chico Bento teve para encontrar leite? _____

Que animais aparecem no desenho? _____

Onde moram Chico Bento e seu primo? _____